

JAZZ

8 MAIO 2015

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Jorge Moniz Quarteto

Inquieta Luz

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sex 8 de maio
21h30 - Pequeno Auditório
Duração: 1h - M6

Bateria e composição Jorge Moniz
Piano e teclado Luís Figueiredo
Guitarra Mário Delgado
Contrabaixo João Custódio

Uma forma de estar

Jorge Moniz, baterista e compositor. Ou seja, um baterista que, como bastantes outros, é igualmente pianista, aliás com estudos clássicos feitos nesse instrumento. O seu primeiro, ao contrário do que se poderá pensar... «O piano é muito completo e facilita o ato de compor. Talvez mais do que uma guitarra, em que não é tão fácil visualizar harmonias. No meu caso particular, a relação com o piano teve a ver com o facto ter um teclado em casa desde muito cedo, até mais cedo do que uma bateria, que só comecei a tocar aos 14 anos quando integrei o primeiro

projeto pop. Componho e construo as ideias principais da minha música ao piano, embora nem sempre surjam de um motivo melódico ou harmónico. Por vezes basta um *groove* ou uma pequena célula rítmica para iniciar o processo de escrita de um novo tema.»

Esta ambivalência instrumental é acompanhada por uma plural visão da música. Se o jazz surgiu na vida do músico do Barreiro depois da clássica, outros gostos e interesses se revelam nas suas composições, como o rock, o *funk* e as músicas tradicionais e populares, a começar pelas portuguesas. Tem um curso de Etnomusicologia, com uma tese sobre o cante alentejano. Afirma Moniz: «É esta a minha vivência e a minha forma de estar. Não consigo estar muito tempo no mesmo sítio. Sou uma pessoa insatisfeita e curiosa, correndo sempre alguns perigos de dispersão. Foi assim, de resto, o meu percurso académico. O facto de me ter licenciado em Composição trouxe-me alguma luz sobre diferentes linguagens que se vieram juntar a outras. O que se ouve nos meus discos reflete essa amálgama de influências e não tem uma catalogação precisa. As partituras que escrevo são um objeto em si mesmo e isso agrada-me, embora nem sempre seja fácil ter aceitação em meios menos flexíveis.»

O seu mais recente álbum em nome próprio, *Inquieta Luz*, tem precisamente essas características. O jazz que nele ouvimos está em relação com outros idiomas musicais. Se bem que de uma forma natural, não programada nem esquematizada. «Considero que a arte

não deve ser muito pensada ou calculada. Devemos deixar falar o instinto. O que surge, surge por si através de um processo que pode ser mais ou menos demorado. A uma ideia pode suceder-se outra, mas essa outra pode ser substituída por uma terceira que colará melhor com a primeira. Porquê? Não sei. Se me agrada mais uma sequência em detrimento de outra, perfeito! Além disso, não gosto de ir para estúdio com tudo definido. Gosto de espontaneidade. O efeito surpresa no ato da gravação é algo que me entusiasma. Caso contrário, seria um aborrecimento», defende.

O que Jorge Moniz nos vem propondo define-se, necessariamente, na sua relação com os conceitos de fusão da década de 1970, de colagem da de 1990 e ainda os do chamado *world jazz*, com o dito jazz a absorver elementos regionais e “étnicos”. Na relação estabelecida, mas também no modo como procura escapar a enquadramentos demasiado apertados. Explica ele: «Ao utilizarmos a terminologia “fusão” ou *world jazz* já estamos a estreitar as fronteiras por onde nos vamos mover. Essa metodologia pode tornar-se limitativa. A música que faço corresponde apenas à minha experiência pessoal. Uma ideia cola-se com outra de uma gaveta diferente porque faz parte do conjunto de gavetas do meu dia-a-dia. Aliás, nem penso muito em catalogações. O que está feito, feito ficou e começo logo a pensar em projetos futuros. O *Deambulações* e o *Inquieta Luz* fecharam um ciclo. Agora vou abordar outras linguagens e continuarei a não teorizar muito sobre as consequências.»

Esta postura traz consigo um problema e é a maneira como Moniz o resolve que o torna tão especialmente interessante: como evitar que a permanente metamorfoseação de estilos e vocabulários afete a sua própria identidade musical, aquilo que distingue Jorge Moniz de um outro? «Em tudo há um risco e é esse o desafio. O risco existe e é necessário conviver com ele. O que dá unidade a um álbum é a personalidade dos músicos que para ele contribuem. A coerência advém da sua própria identidade e do que trazem para o produto final. Se podemos falar de incoerência estilística, esta é colmatada pela coerência individual de cada um, sendo esse o elemento transversal a todos os temas do disco. Ao colocarmos um cantador alentejano num grupo de adufeiras de Monsanto, obtemos uma fusão estilística à partida pouco coerente, mas que pode revelar-se bastante consistente ao longo de toda a obra.»

Inquieta Luz é um de vários exemplos de uma nova perspectiva inclusivista no jazz nacional, partilhada pelas mais jovens gerações de executantes, as do próprio Moniz, do teclista Luís Figueiredo e do contrabaixista João Custódio. Uma perspectiva que era antes apenas de uns quantos. Do veterano Mário Delgado, por exemplo, que encontramos igualmente no elenco do CD, e com um papel fundamental. «Ele vem do meu primeiro disco e voltei a pedir-lhe que colaborasse comigo devido à sua enorme versatilidade, mas também porque uma já longa amizade nos une. Ao escolher os músicos o fator menos relevante talvez seja a idade. Estou mais

preocupado com o que podem ou não trazer para o projeto, e não só a nível musical. É importante estabelecer um bom espírito de grupo», comenta.

Se em concerto não as vamos ouvir, o novo trabalho discográfico de Jorge Moniz inclui duas vozes, as de Joana Espadinha e Paulo Ribeiro. A inclusão de canções em propostas predominantemente instrumentais (casos de João Hasselberg e André Santos, entre outros recentes) parece mesmo ter-se tornado num figurino. Sobretudo quando o que se pretende é transpor a distância entre o jazz, idioma de nicho, e a música popular, como é o caso presente. O que significa que não se trata de abraçar a fórmula *jazz vocal*, pois, como em *Inquieta Luz*, surgem outros ingredientes. «No caso da Joana a justificação parece-me evidente, dadas as características do tema: ela interpreta uma moda alentejana, ainda que transformada. Nas outras duas faixas (uma da Joana e outra do Paulo) pareceu-me adequado utilizar o timbre vocal tal como se fosse mais um instrumento melódico, até porque não havia voz no primeiro disco e pareceu-me ser uma boa experiência», esclarece.

Até nesse aspeto há, em Moniz, um posicionamento afirmativo e sem medos: «Este aspeto encontra-se, a meu ver, relacionado com a segurança técnica que os músicos de jazz portugueses alcançaram e com a explosão de criatividade que vem acontecendo. Se a autoestima está em alta, é mais fácil sentirmo-nos confiantes. A técnica existe, Portugal é um país com um ensino musical em ascensão,

com várias universidades a oferecem cursos de jazz, com imensos festivais e com muita vontade de fazer coisas. No entanto, há que referir também o fator geográfico. António Pinho Vargas focou bem este aspeto no livro *Música e Poder*. É preciso não esquecer que Portugal é uma nação periférica e esse fator não contribui para que tenhamos uma presença efetiva no meio musical europeu/mundial. Não só na música como na arte em geral e noutros setores da sociedade. A história comprova-o. Pode haver mais músicos a tocar no exterior, mas são poucos.»

Podemos ter a perceção de que o jazz por cá praticado nada deve, em qualidade, aos de outras paragens. Podemos até achar que edições como *Inquieta Luz* têm tudo para agradar, e inclusive surpreender, os ouvintes ingleses, franceses, alemães, japoneses e americanos, mas mais complicado é que estes tenham acesso a uma cena que lhes é alheia. O estado de espírito “estamos aqui” de Jorge Moniz e dos seus parceiros é universalmente convincente e sedutor, mas os obstáculos são os mesmos de sempre. É preciso, porém, começar em algum lado e esta música começa por dizer – a nós e aos demais – que não é menos do que as outras “lá de fora”. Tem até, para quem procura o que é diferente, o que acrescenta algo mais ao que já se sabe, argumentos que são exclusivamente nossos. Mais tarde ou mais cedo isso terá de ser valorizado.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

Jorge Moniz bateria e composição

Começou a tocar piano aos 11 anos de idade, mantendo aulas particulares até concluir o 12.º ano de escolaridade. Em 1991, ingressou simultaneamente na Academia dos Amadores de Música, para aprofundar os seus conhecimentos pianísticos, e na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, para se iniciar na bateria. Aí teve André Sousa Machado como professor de instrumento. Em 1994 ingressou no Conservatório Nacional, estudando composição com Eurico Carrapatoso e Jorge Peixinho. A Escola Superior de Música de Lisboa surgiu logo depois, em 1995, com Christopher Bochmann como mestre de composição e António Pinho Vargas a lecionar História da Música do Século XX. Em 2007 concluiu um mestrado em etnomusicologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma tese sobre o cante alentejano. Tocou música erudita, rock, blues, bossa nova e samba, mas tem-se dedicado sobretudo ao jazz, junto de músicos como Zé Eduardo, Hugo Alves, Carlos Barretto, João Maurílio, Bernardo Moreira, Afonso País, Júlio Resende e Bruno Santos.

www.jorgemoniz.com

Luís Figueiredo piano e teclado

Tem o curso de piano do Conservatório de Música de Coimbra e licenciou-se depois nesse instrumento pela Universi-

dade de Aveiro (UA), tendo entre os seus professores o compositor António Chagas Rosa. Estudou com Filipe Melo na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e depois com Mário Laginha. Este pianista é, aliás, um dos seus orientadores no doutoramento em Performance Jazz que está a fazer na UA, enquanto colabora com o Centro de Estudos de Jazz dessa universidade. Lidera o Luís Figueiredo Trio, com o qual gravou o álbum *Manhã*, e colabora regularmente com o projeto Lado B e com a cantora Sofia Vitória. Compõe também habitualmente para teatro e cinema.

Mário Delgado guitarra

Iniciou os seus estudos musicais na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, com Zé Eduardo e David Gausden como professores, e de guitarra clássica na Academia dos Amadores de Música, com José Peixoto e Piñero Nagy. *Workshops* com Bill Frisell, Atila Zoller, John Abercrombie, Barney Kessel e Derek Bailey completaram-lhe a formação guitarrística, tendo frequentado igualmente seminários de David Liebman, Gary Burton, Jimmy Giuffrè, Steve Lacy, Hans Bennink, Red Mitchell, Paul Motian e Joe Lovano. Tocou em grupos de Carlos Martins e da dupla Maria João/Mário Laginha, formou o seu próprio projeto, Filactera, e é membro dos TGB, com Sérgio Carolino e Alexandre Frazão, e dos Lokomotiv, com Carlos Barretto e José Salgueiro, aqueles em que mais integra

o seu gosto pelo rock. Neste domínio, faz parte do projeto Led On, dedicado a adaptações da música dos Led Zeppelin. Está também ativo na música popular portuguesa, trabalhando com José Mário Branco, Jorge Palma, Janita Salomé e Cristina Branco, entre outros. Recebeu em 2005 o Prémio Carlos Paredes.

João Custódio contrabaixo

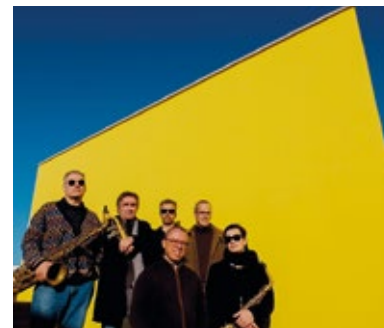
Os seus estudos de contrabaixo foram realizados no Conservatório Nacional de Lisboa e nas Escolas de Jazz do Barreiro e do Hot Clube de Portugal, tendo como mestres Zé Eduardo, Bernardo Moreira e Nelson Cascais, entre outros. No jazz vem tocando com músicos como Júlio Resende, Diogo Vida, Victor Zamora, Nuno Ferreira, Afonso Pais, João Moreira e Bruno Santos, mas também frequenta outras áreas musicais, por exemplo com Irmãos Catita, Jorge Palma e Vitorino. Colabora com grupos de teatro e dança contemporânea e mantém um projeto com a cantora Cláudia Franco, cujo repertório junta *standards* de jazz e arranjos de temas pop.

Próximo espetáculo

Ao (re)encontro do Sexteto de Jazz de Lisboa

Jazz Dom 10 de maio

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6



© Mário Ferreira

Trompete, fliscórnio Tomás Pimentel
Saxofones Edgar Caramelo, Ricardo Toscano
Piano Mário Laginha **Contrabaixo** Pedro Barreiros **Bateria** Mário Barreiros

No âmbito do ciclo *Histórias de Jazz em Portugal*, coproduzido pelo Hot Clube de Portugal (Lisboa) e pelo Centro Cultural Vila Flor (Guimarães) – que decorreu, entre janeiro de 2014 e maio de 2015 –, os seus autores, António Curvelo e Manuel Jorge Veloso, ex-criticos e divulgadores de jazz, lançaram um desafio muito especial a um dos grupos históricos do jazz português: o Sexteto de Jazz de Lisboa (SJL).

Pretendendo o referido ciclo testemunhar “o momento único do jazz que se faz hoje em Portugal”, seria difícil que não se refletisse nele, como refletiu, um árduo passado de décadas que criou as condições para que o nosso presente jazzístico se tenha tornado tão singular. E, nesse passado, o SJL, fundado na

década de 1980, afirmou-se justamente como um dos primeiros notáveis grupos de jazz profissionais “a tempo inteiro”.

O repto lançado aos músicos que participaram no único disco do Sexteto para se reencontrarem em palco ao fim de quase 30 anos, foi entusiasticamente aceite por todos eles com a promessa imediata de não só revisitarem criativamente o repertório de *Ao Encontro* (gravado em 1988), mas, também, de estrearem novas composições e arranjos.

Embora ensombrada a concretização deste projeto pelo súbito desaparecimento de Jorge Reis (uma perda irreparável para o nosso jazz), os restantes músicos decidiram mantê-lo de pé, agora também como uma sentida homenagem ao seu companheiro e amigo, convidando para o seu lugar uma das maiores certezas do jazz nacional, revelada nos últimos anos: Ricardo Toscano.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt